

MACHADO DE ASSIS E A CRÔNICA: REFLEXÕES CRÍTICAS DE UM “ESPECTADOR PACATO”

Professora Doutora Daniela Mantarro Callipoⁱ (UNESP)

Resumo: Machado de Assis colaborou em vários periódicos durante mais de 40 anos. Em suas crônicas, fazia comentários a respeito da história do Brasil e do mundo, analisava a economia e a política do Rio de Janeiro, criticava posturas, poemas, decretos, peças teatrais, reformas e óperas, sempre com humor e de um ponto de vista original. Em alguns textos, desenvolveu reflexões acerca do próprio trabalho de cronista, reflexões estas que se modificaram com o passar dos anos. Este estudo visa observar qual é a concepção machadiana do gênero crônica, de que modo ela se modificou ao longo do tempo e qual a importância que Machado atribuía a esse tipo de produção jornalística.

Palavras-chave: crônica, Machado de Assis, reflexões críticas

1. Introdução.

Considerada "gênero menor", a crônica não é recente: no século XV, Fernão Lopes foi o encarregado de reunir elementos a respeito da história portuguesa a fim de preservá-la ao longo do tempo (MOISÉS, M., 1984, p. 40-43). Escreveu, então, a *Crônica histórica de Fernão Lopes*, relatando a realidade de maneira ficcional. No Brasil, é Pero Vaz de Caminha quem inaugura o gênero ao escrever a el-rei D. Manuel uma carta em que registra seu contato com os índios “muito bem curados e muito limpos” e suas impressões a respeito da terra “graciosa”, “chã” e “fremosa”. (BOSI, 1985, p.16-17)

Assim, ele parte do real, das circunstâncias ocorridas diante de seus olhos e busca registrá-las para que se tornem concretas. Acrescenta ao relato um "toque de lirismo reflexivo", certa coloquialidade, e desses elementos surge a crônica.

Machado de Assis descreveria de outra forma o nascimento do gênero: ele teria nascido simultaneamente às duas primeiras vizinhas do mundo, aquelas que se encontram na calçada para falar dos acontecimentos do dia:

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia” (História de Quinze Dias” de 01/11/1877 em *Obra Completa*, vol.3, p.370).

No século XIX, ela passa a fazer parte do jornal, quando este veículo se torna cotidiano e de tiragem elevada, mas recebe outro nome: folhetim. Importado da França, o *feuilleton* ocupa o rodapé da primeira página e tem a finalidade específica de entreter. Para Marlyse Meyer, em seu artigo *Voláteis e Versáteis, de variedades e folhetins se fez a chronica*:

Aquele espaço vale-tudo suscita todas as formas e modalidades de diversão escrita: nele se contam piadas, se fala de crimes e monstros, se propõem charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza; aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém-saídos, o esboço do Caderno B, em suma. E, numa época em que a ficção está na crista da onda, é o espaço onde se pode treinar a narrativa, onde se aceitam mestres ou noviços no gênero, curtas ou menos curtas- adota-se a moda inglesa de publicação em série se houver mais texto e menos coluna. (In: CÂNDIDO, 1992, p. 96)

Escritores como Eugène Sue, Alexandre Dumas, Ponson du Terrail e Montepin são disputados pelos jornais para escrever folhetins. No Brasil, a prática é adotada ou *copiada* sem demora. De início, os *feuilletons* são traduzidos; pouco a pouco, os textos passam a ser produzidos por autores nacionais que, ora escrevem romances inteiros, cujos capítulos são oferecidos ao público semanalmente (como é o caso de *Memórias de um Sargento de Milícias* de Manuel Antônio de Almeida, publicado em folhetim entre 1852 e 1853), ora comentam as questões importantes do dia - literárias, políticas, sociais, artísticas, como fez José de Alencar na *Revista da Semana* de 1854 a 1855. Aos poucos, houve um distanciamento entre as duas produções literárias; a primeira ficou conhecida como folhetim e a segunda, como crônica.

Esta passou a ter uma função diferente do antigo *feuilleton*. Escrita com a finalidade primeira de divertir, veio a ser utilizada como meio de contar os fatos ocorridos de maneira criativa e reveladora. Unindo o talento literário ao relato dos fatos do cotidiano, foi feita, em princípio, para ser lida num dia e esquecida no outro; tornou-se, contudo, em alguns casos, perene. Ela mantém um vínculo estreito com o tempo,

mas supera-o. O passado é tragado pelo esquecimento; os textos escritos "ao correr da pena", todavia, continuam a provocar curiosidade e a trazer cultura e entretenimento para quem os lê. No artigo *Moda da Crônica: Frívola e Cruel*, Marília Rothier Cardoso explica:

Uma crônica é como uma bala. Doce, alegre, dissolve-se rápido. Mas açúcar vicia, dizem. *Crônica* vem de *Cronos, Deus devorador*. Nada lhe escapa. Quando se busca a bala, resta, quando muito, o papel, no chão, descartado. A crônica-bala, sem pretensões nutritivas, nunca foi artigo de primeira necessidade. Só aos alfabetizados se permite esse luxo suplementar. Traz prazer, fugaz, talvez perigoso. Ao desembulhá-la - pum!-, um estalo. *Cronos* é implacável. Até a gula acaba devorada. (In: CÂNDIDO, 1992, p.142)

Quando são recortadas do jornal, meio de expressão de origem e, posteriormente, inseridas em livro, as "balas" tornam-se guloseimas disponíveis para todo e qualquer leitor interessado em conhecer o passado histórico de um país: reveladoras de uma época, descrevem hábitos e costumes de um século, e, por vezes, exibem mais uma faceta do talento de um escritor.

José de Alencar foi um dos primeiros escritores a exercer o gênero: a partir de 1854, publica a série “Ao correr da pena”, em que tem a difícil tarefa de comentar as notícias da semana e todos os acontecimentos, sérios ou divertidos, como um “colibri” que voa em “zig-zague”:

Obrigar um homem a percorrer todos os acontecimentos, a passar do gracejo ao assunto sério, do riso e do prazer às misérias e às chagas da sociedade; e isto com a mesma graça e a mesma *nonchalance* com que uma senhora volta as páginas douradas do seu álbum, com toda finura e delicadeza com que uma mocinha loureira dá sota e basto a três dúzias de adoradores! Fazerem do escritor uma espécie de colibri a esvoaçar em zig-zague, e a sugar, como o mel das flores, a graça, o sal e o espírito que deve necessariamente descobrir no fato o mais comezinho! (ALENCAR, 1960, p. 50)

2. Machado de Assis cronista

Machado de Assis segue os passos de José de Alencar e acaba por revelar mais uma faceta de seu talento criador: seus textos jornalísticos comprovam ser o talento do grande escritor brasileiro ainda mais amplo do que se supunha e que, de modo algum, podem ser considerados um "gênero menor". A crônica machadiana tem valor de

documento histórico indiscutível e uma fascinante profundidade literária sob uma forma simples, familiar, corriqueira: "por baixo delas há sempre muita riqueza para o leitor explorar". (CÂNDIDO, 1992, p.19)

Galante de Souza (1979, p.17) afirma, ao contrário de outros autores, ter o escritor fluminense iniciado sua colaboração nos jornais em 1854, aos quinze anos. No jornal carioca trissemanal *Periódico dos Pobres*, publica o soneto “Á Ilma. Sra. D.P.J.A. em homenagem a uma senhora chamada Petronilha. Em 1855, publica “A Palmeira” na *Marmota Fluminense*, periódico bi-semanal dirigido por Paula Brito, com quem Machado teria uma longa amizade.

É provável que, em 1858, tenha ingressado no *Correio Mercantil* como revisor de provas, visto ter publicado algumas poesias nessa folha. Em abril desse mesmo ano, publica *Vem!* no periódico *Paraíba*, fundado pelo português A. Emílio Zaluar. Em 1859, torna-se um dos redatores da revista *O Espelho*. Lançando-se com entusiasmo ao desafio, pois até então só fizera contribuições esporádicas, acelera o ritmo de suas produções e publica uma série de textos. Jean Michel Massa (1971) acredita que a colaboração era gratuita ou, no máximo, paga simbolicamente, pois o periódico não contava com muitas assinaturas. De fato, teve vida efêmera, publicando apenas dezenove números. Foi o bastante, porém, para que o jovem escritor fluminense tornasse seu nome conhecido e respeitado. Ainda segundo Massa, Machado de Assis escreveu em todos os números de *O Espelho*, colaborando com quase trinta textos. Na primeira página, sempre havia um artigo seu e ele era tratado com respeito pelos outros colaboradores do jornal, passando a ser um renomado crítico teatral. Sua *Revista de Teatros* saiu em todos os números, com exceção do primeiro, proporcionando-lhe acesso à sociedade que frequentava os teatros e aos artistas mais famosos da época.

Com o fim de *O Espelho*, reassumiu suas funções na *Marmota* por alguns meses até ser chamado para trabalhar no *Diário do Rio de Janeiro*. Assim resume ele a nova etapa em sua vida: "Nesse ano entrara eu para a imprensa." Fundado em 1821, o jornal tivera José de Alencar como redator-chefe até que desavenças pessoais o afastaram do cargo. Após uma interrupção em 1859, o periódico voltava a circular em 1860, tornando-se mais popular. O autor de *O Caminho da Porta* publicou no *Diário* algumas crônicas teatrais, uma tradução e um poema, mas sua função era assistir às sessões do

Senado. É possível, todavia, que tenha colaborado em diversas notas, no noticiário e nas traduções de folhetins.

Em outubro de 1861, recebeu a incumbência de escrever uma coluna permanente. Durante cinco meses e meio, redigiu os "Comentários da Semana", sob os pseudônimos de Gil e de M. A., tratando de literatura e teatro, mas, principalmente, de política. Adquirindo um estilo vigoroso e ágil, o cronista não poupou críticas a políticos, escritores e até mesmo aos colegas jornalistas. Suas ideias arrojadas e seus comentários ferinos, no entanto, não foram bem recebidos pelo diretor político do jornal, Joaquim Saldanha Marinho, que teria preferido suspender a contribuição do escritor fluminense. Para Jean-Michel Massa (1971), a literatura é que saiu ganhando com o malogro jornalístico, pois o insucesso levou-o a procurar um "outro caminho".

Depois da decepção com o *Diário*, para o qual, entretanto, continuará a colaborar anonimamente a fim de garantir sua subsistência, Machado de Assis anima-se com o lançamento da revista *O Futuro* em setembro de 1862. Fundada e dirigida por Faustino Xavier de Novais, irmão de Carolina, a revista teve curta duração: após dez meses, parou de circular. Voltada para a literatura, tornou-se respeitada pela qualidade dos textos portugueses e brasileiros apresentados. O autor de *A mão e a luva* publicou alguns contos, poemas e dezesseis crônicas. Nelas, mostra-se cauteloso e prudente: suas reflexões são amargas e indicam um novo modo de ver o mundo. Mais maduro, buscava "harmonizar os contrários".

Em 1864, colabora com o jornal paulistano *Imprensa*, remetendo ao periódico dez crônicas sob o pseudônimo de Sileno. No mesmo ano, inicia a série "Ao Acaso", publicada no *Diário do Rio de Janeiro* sob a assinatura M.A. Atendo-se a amenidades, discorria acerca de literatura, teatro, exposições, fazendo pequenas incursões na política, momento em que se permitia tecer comentários irônicos e olvidar as sanções sofridas. Jean-Michel Massa (1971) considera a série "Ao acaso" de fundamental importância para o surgimento do romancista Machado de Assis: "as crônicas foram um cadinho onde se forjou um escritor". Entre 1866 e 1867, assinou a "Semana Literária", espaço a serviço da crítica, no qual esboçou um panorama da literatura brasileira da época. Quando colaboradores como Quintino Bocaiúva, José Feliciano de Castilho e Henrique César Múzio deixaram o jornal, toda a responsabilidade pelo periódico recaiu sobre o

autor de *Crisálidas*, que trabalhou com afínco para fazer jus à confiança nele depositada por Saldanha Marinho, até ser nomeado adjunto de diretor do *Diário Oficial*, cargo exercido até o fim de 1873.

Nesse período, as crônicas ficaram um pouco esquecidas. Escreveu alguns contos, publicados no *Jornal das Famílias*, assinou cinco contratos com a Casa Garnier em 1869, assumindo o compromisso de publicar novos contos e lançou *Ressurreição*, seu primeiro romance, em 1872.

Em 1876, ano da publicação de *Helena*, o escritor carioca volta a escrever crônicas e assina a série "História de Quinze Dias" até dezembro de 1877. No ano seguinte, começa a colaborar para o jornal *O Cruzeiro* sob o pseudônimo de Eleazar. Em crônica de 4 de agosto de 1878, define sua função no periódico:

Vivemos seis dias a espreitar os sucessos da rua, a ouvir e palpar o sentimento da cidade, para os denunciar, aplaudir ou patear, conforme o nosso humor ou a nossa opinião, e quando nos sentamos a escrever estas folhas volantes, não o fazemos sem a certeza (ou a esperança!) de que há muitos olhos em cima de nós. Cumpre ter ideias, em primeiro lugar; em segundo lugar expô-las com acerto; vesti-las, ordená-las, apresentá-las à expectação pública. A observação há de ser exata, a facécia pertinente e leve; uns tons mais carrancudos, de longe em longe; uma mistura de Geronte em Scapin, um guizado de moral doméstica e solturas da rua do Ouvidor. (ASSIS, 1962, *Crônicas*, vol. 4, p.114-115)

3. Reflexões sobre a arte de escrever crônicas

Nas duas últimas décadas do século XIX, as crônicas machadianas adquirem características diversas dos textos jornalísticos publicados anteriormente. O escritor maduro, que oferecera ao público *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro* e *Quincas Borba*, já não exagera na galhofa e seu pessimismo torna-se mais evidente, como salienta Sonya Brayner em *Machado de Assis: um cronista de quatro décadas*:

Continua em sua técnica do comentário ambivalente, volúvel mas sem exagerar nas associações paradoxais, ganhando a crônica mais tempo para o leitor perceber o assunto e suas conexões. É em "A Semana" que terá sua melhor forma e tonalidade, dono de uma invejável capacidade para trabalhar, em cima do efêmero e transitório, a sua modernidade no ocaso do século. Os anos 80 e 90 encontraram sua política comentada por um observador sem partido mas hábil na arte de captar a interação de ideias e atos da época, transformando em imagens-matrizes o grande relacionamento de vozes estridentes e reivindicatórias vindas de diversos setores da sociedade

brasileira. (In: CANDIDO, 1992, p. 415)

Em quarenta anos de produção jornalística, Machado apresentou algumas reflexões acerca da arte de escrever crônicas, revelando mudanças em sua forma de encarar o ofício com o passar do tempo.

Em 1859, nas “Aquarelas”, publicadas em *O espelho*, a definição feita por Alencar do folhetinista “colibri” é retomada por Machado:

O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar do colibri na esfera vegetal; salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política (IDEM, p. 959).

Em 1862, por exemplo, já tinha elaborado sua definição de cronista, aconselhando à "pena" que o ajudaria em seu trabalho a mostrar-se cautelosa em seus comentários, não se envolvendo em polêmicas de nenhum gênero, "nem políticas, nem literárias, nem quaisquer outras", para não ser "enxovalhada", pois ela era "franzina" e "o pugilato das ideias" era muito pior do "que o das ruas". No entanto, apesar de lhe recomendar cautela e reserva, admite-lhe fazer críticas ou elogios, agindo de acordo com sua consciência:

Sê entusiasta para o gênio, cordial para o talento, desdenhosa para a nulidade, justiceira sempre, tudo isso com aquelas meias tintas tão necessárias aos melhores feitos da pintura. Comenta os fatos com reserva, louva ou censura, como te ditar a consciência, sem cair na exageração dos extremos. E assim viverás honrada e feliz. (ASSIS, 1962, *Crônica*, vol. 2, p.9)

Quando começa a colaborar em periódicos, Machado de Assis vê a crônica de forma especial, como um texto que pode divertir e informar, mas também provocar mudanças de comportamento, levar à reflexão e incentivar discussões importantes acerca da sociedade. O pensamento machadiano dessa época se assemelha ao de Victor Hugo quando publicou o prefácio de *Cromwell* em 1827. Dizia o escritor francês: “Le poète aussi a charge d’âmes”. Em 1864, Machado escreve: "Também o folhetim tem cargo de almas. É apóstolo e converte".

Com o passar dos anos, porém, a crença na força da crônica diminui, suas convicções de que era possível “converter”, mudar, fazer refletir são abaladas pelo comportamento de uma sociedade que nem sempre está disposta a realizar mudanças e se mostra indiferente e apática.

Em crônica de 15 de março de 1877, por exemplo, aponta para a diferença entre o contador de histórias e o historiador:

Mais dia menos dia, demito-me deste lugar. Um historiador de quinzena, que passa os dias no fundo de um gabinete escuro e solitário, que não vai às touradas, às câmaras, a Rua do Ouvidor, um historiador assim é um puro contador de histórias.

E repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa. Um contador de histórias é justamente o contrário de historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença? Simples, leitor, nada mais simples. O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que passou, é só fantasiar. (“História de Quinze Dias” em *Obra Completa*, vol.3, p.361-362; grifos nossos).

Observe-se que o cronista já não se descreve como aquele que “converte”, mas como aquele que “conta histórias”. Como “contador de histórias”, ele escolhe os fatos a serem tratados, distanciando-se dos grandes acontecimentos e aproximando-se dos pequenos e banais episódios do dia-a-dia, ou ainda, das anedotas de tempos idos, sempre com a oralidade fundamental do cronista cuja intenção é divertir e comentar. Ele já não busca moralizar seus leitores, não quer repreender: “eu só amolarei a maioria dos meus semelhantes, quando não der por isso; de propósito, nunca.” (ASSIS, s/d, p. 41)

Um ano depois, em 25 de agosto de 1878, a mudança é mais radical e o cronista nega o que havia dito anos antes a respeito da sua função:

O cronista não tem cargo d'almas, não evangeliza, não adverte, não endireita os tortos do mundo; é um mero espectador, as mais das vezes pacato, cuja bonomia tem o passo tardo dos senhores do harém /.../ fica alheio a todas as lutas, ou sejam de força, ou de destreza, ou de ambas as coisas juntas. (ASSIS, 1962, *Crônicas*, vol. 4, p.152)

:

Em 1892, a auto-definição é ainda mais modesta: ele se intitula “escriba de coisas miúdas”.

Conclusão

Se Machado abandonou a crença no poder de “conversão” da crônica, nunca deixou de manifestar sua indignação por meio da ironia. Embora não criticasse abertamente a sociedade brasileira e suas instituições, atacava leis que considerava absurdas, zombava da vaidade humana, e fazia refletir graças à sátira elaborada com elegância, apesar do despistamento frequente que realizava em seus comentários da semana. Ele buscava ressaltar evidências, criticar excessos, lamentar injustiças e analisar idiossincrasias, valendo-se de todos os dados de que dispunha para prender a atenção do leitor e configurar um estilo, cuja força residia na rapidez do traço e do raciocínio e no acicate da comparação.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, José de. *Obra Completa*, Rio de Janeiro: Aguilar, 1960, Vol. IV.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Crônicas de Lélío*. org. R. Magalhães Jr., Rio de Janeiro: Ediouro, Coleção Prestígio, s/d.
- _____. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1959, Vol. III.
- _____. *Crônicas*. Rio de Janeiro: Jackson, 1962.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981
- _____. *A Crônica. O Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- GALANTE DE SOUSA, José. *Machado de Assis e outros estudos*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1979.
- MASSA, Jean- Michel. *A juventude de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ Conselho Nacional de Cultura, 1971.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo, Cultrix, 1984.

i Professora Doutora Daniela Mantarro Callipo

Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho

– UNESP – Campus de Assis

e-mail: callipo@assis.unesp.br